

**REFLEXÕES SOBRE APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE
DESENHO DOS POVOS DE ANGOLA**

CASO DE ESTUDO - ARTE SONA

- PLANEAMENTO E ARQUITECTURA -

Por:

Autor: Helder José (PhD)

Participação: Willfredo Figueiredo

Fevereiro de 2021

Agradecimentos:

Ao Kelsio Pontes (Sobrinho), estudante em arquitectura a quem já tenho ensinado esta metodologia de análise e que elaborou os desenhos em (cad) apresentados ao longo do texto.

Ao Celestino Chitonho, Bastonário da Ordem dos Arquitectos que deu o seu apoio a continuidade deste trabalho de reflexão, e que me confidenciou ter estado também a trabalhar nesta matéria, a quem lhe desafio a não desistir.

Ao Wilfredo Figueiredo, Arquitecto que me apoiou na elaboração deste trabalho, tão logo com ele partilhei o estudo, se dispôs a ajudar. A sua contribuição com a partilha de dados bibliográficos e mesmo com o enquadramento do conteúdo da abordagem foi de extrema importância.

A Doutora Maria A. M. Correia que como sempre dá o seu apoio moral nos vários estudos que com ela partilho, incentivando-me a continuar.

Ao Dr. Albino José que depois de ter conhecimento do trabalho usou nas suas obras de pintura elementos desta Reflexão.

REFLEXÕES SOBRE APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE DESENHO DOS POVOS DE ANGOLA

CASO DE ESTUDO – ARTE SONA

- PLANEAMENTO E ARQUITECTURA -

1. INTRODUÇÃO

É comum ouvir muitos dos colegas arquitectos críticas voltadas à inexistência de referências do imaginário angolano na nossa arquitectura, no entanto, verifica-se a fragilidade de estudos que incentivem à busca de elementos do contexto da cultura de **Angola**, capazes de estarem refletidos nos conceitos e composições do planeamento e na arquitectura que muitos de nós realiza no dia-a-dia.

É importante, pois, que dediquemos algum do nosso tempo a estudar a riqueza emblemática do imaginário representativo da cultura dos povos de

Angola, integrando nesta pesquisa as áreas do planeamento e da arquitectura que podem receber estes elementos e contribuir, deste modo, na globalização científica dos nossos tempos.

Aproveitando o período de confinamento obrigatório em razão da pandemia que assola o mundo, estendo o meu contributo através desta reflexão, trazendo à discussão a possibilidade de integrar elementos da arte da representatividade dos povos **Tchokwé**, como um caso de estudo.

Angola é um mosaico cultural com uma enorme diversidade de riqueza simbólica dos povos que

habitam as suas fronteiras artificialmente desenhada na relação estabelecida com outras culturas, nomeadamente a ocidental.

No ano de 2019 realizei uma viagem de trabalho à província de **Malange** no sentido de procurar participação num programa do Governo de **Angola** voltado a construção de infraestruturas sociais para o combate e erradicação da pobreza. No percurso acabei conhecendo a localidade de **Cambundi Catembo**, um Município desta província. O contacto mantido com a Administradora local, sondando, a possibilidade de poder contribuir com a preparação de uma proposta para a elaboração de um Plano de Ordenamento Territorial para esta localidade, tomei conhecimento de uma realidade muito interessante e rica e que se relacionava com a arte da manufatura de cestaria típica, que, por conta dos problemas históricos de Angola, a região tem estado a perder esta arte, com riscos de desaparecer. Esta situação motivou-me a pensar todos os dias que contribuição é possível introduzir na discussão promovida pelos colegas arquitectos relativos ao estudo da nossa idiossincrasia cultural.

Não abordando concretamente o problema registado na observação constatada em **Cambundi Catembo**, colocado pela Administradora, problema que pretendo um dia dedicar atenção especial no

estudo do resgate do mesmo, dediquei subitamente um interesse na arte da cultura **Tchokwé**. Na verdade o Município que visitei em **Malange** e que me deixou muito interessado em elaborar esta reflexão faz fronteira com as **Lundas** região de habitação destes povos em território angolano.

A intenção deste trabalho é a de produzir uma abordagem metodológica com ideias que possam introduzir componentes integrantes do planeamento e da arquitectura, com elementos emblemáticos da arte dos povos de Angola.



O Mapa de Angola, com a localização da região Lunda - Tchokwé. Fonte: www.pluraleditores.co.ao

2. OS POVOS LUNDA - TCHOKWÉ

Estudos sobre a antropologia, historiografia e geografia dos vários povos de Angola têm merecido muita atenção e interesse de especialistas nesta área de conhecimento, os *«Tchokwé da Lunda constituem um grupo antropológico altamente heterogêneo que tem de ser considerado o resultado de um tipo negro fortemente influenciado por um tipo pigmoide (David, 1955:309), embora alguns Tchokwé aproximam-se do tipo etiópico»*¹.

«Dos povos do Sul de Angola, entre o Kwanza e o Lwena (os Lwena, os Lwimbi, os Lutshazi, os Ovimbundu, os Mbwela e os Tchokwé), o tipo Tchokwé puro distingue-se facilmente (Cardoso, 1919:2-13): de estatura alta, ou pelo menos acima da média (1,70m); o busto, bem assente sobre as ancas, constitui um cone bem formado, de ombros largos e cintura fina. O rosto longo (ao contrário dos Lwena, que é curto e largo). Os Tchokwé falam Wutchokwé, uma língua tipicamente Banto da África Centro Ocidental, com classes nominais de prefixos variáveis

*que permitem distinguir entre objectos animados e inanimados».*²

Como indicam os estudos de especialistas na antropologia dos povos Lunda – **Tchokwé**, ainda não foi possível averiguar de onde vieram os **Tchokwé**, embora a tradição oral entre as famílias dos chefes registre a sua presença no centro de Angola desde o século XVI. Durante uns trezentos anos, permaneceram em relativa paz no pequeno distrito que ocupavam no coração da floresta no planalto do Muzamba, perto das nascentes dos rios Kwango, Kasai, Lwena e Lungwe – Bungo. Esta área encontrava-se repleta de animais e proporcionava excelente caça, à sua principal ocupação³.

3. O TERRITÓRIO

O território ocupado pelos povos **Tchokwé** consiste numa faixa de largura variável, entre os rios Kwilu e Kasai, que se estende entre os paralelos 6^o a 13^oS, com um rasgo até ao paralelo 15^oS na região do Alto Kubango e do Cunene. Os vizinhos dos **Tchokwé** são os seguintes: Para Sul, os Ovimbundu, os

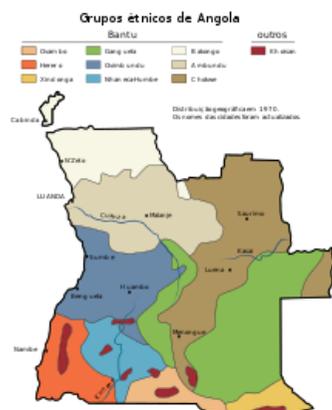
¹ Marie Louise Bastin (1982), La Sculpture Tshokwe. Mendon (França) : pág. 29 a 37.

² Marie Louise Bastin (1982), La Sculpture Tshokwe. Mendon (França) : pág. 29 a 37.

³ Marie Louise Bastin (1982), La Sculpture Tshokwe. Mendon (França) : pág. 29 a 37.

NGanguela, os Lutshazi e os Lwena; para Oeste, os Songo, os Minungu, os Shinji e um grupo Lunda; para Norte (no Congo Democrático), os Pende, os Luba – Kasayi e os Luluwa; para Leste, os Kongo do Kasai, os Mataba e os Lunda (Aruundi). Existe ainda um grupo de **Tchokwé** no território de Lele no Kasai ao paralelo 5⁰ S e no território da **Lunda** na região de **Sandoa** do **Shaba**. Outro grupo ainda habita na **Zâmbia**, a **Leste do Alto Zambeze**.

A vasta área hoje ocupada pelos **Tchokwé** está coberta de florestas na zona mais elevada a Sul, enquanto que para Norte, existe uma extensão de savana de pobre qualidade, interseccionada por zonas de florestas ao longo dos numerosos rios.



O Mapa de Angola, Os grupos étnicos - Tchokwé. Fonte: www.pt.wikipedia.org

4. A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR O ACERVO ETNOGRÁFICO DA CULTURA TCHOKWÉ

Conforme referido no conteúdo que esta reflexão apresenta, muitas são as pesquisas desenvolvidas à volta da importância da informação etnográfica da cultura **Tchokwé**, assim, do dossiê, “Angola: a vertigem da modernidade e o lastro do passado” (vol. 19(1) | 2015) do texto recolhido de Marie-Lousie Bastin, *Arte e etnografia Cokwe: Antes e depois de Marie Bastin e elaborado por Nuno Porto* (p. 139 – 168 – <https://doi.org/10.4000/etnografica.3941>) recorta-se o seguinte extrato⁴:

«Pode classificar-se como uma metodologia de análise de cultura material o trabalho seguido: segundo a autora, o trabalho parte de 400 objetos do museu explicados pelos seus informantes, separados em fornecedores de “informação etnográfica” – utentes dos artefactos, em especial, de adivinhação – e “informação técnica” – entendida num sentido lato que compreende os nomes vernaculares da

⁴ Contexto de arte Cokwe – Tempo do colono: a internacionalização do trabalho do Museu do Dundo – in www.journals.openedition.org/etnografica/3941.

madeira utilizada na escultura, por exemplo, e os modos e técnicas de produção dos diferentes objetos, pinturas ou tatuagens. Sem o recurso à fotografia de Agostiniano de Oliveira, “cujo excelente trabalho - artístico ornamenta este livro” (Bastin 1961:20), a interpretação da autora sobre as decorações dos diferentes artefactos e sua remissão para o corpo humano seria provavelmente conseguida. De facto, o exercício central do texto consiste em relevar a constância de figuras geométricas em diferentes suportes, proporcionando a designação vernacular de cada uma delas, bem como o seu significado para os cokwe, no que não pode deixar de se considerar um exercício da etnografia como “modalidade investigativa de vigilância” (segundo a terminologia de Cohn 1996), na medida em que fornece o código de uma linguagem articulada na decoração de artefactos e do corpo. Trata-se, neste sentido, de ultrapassar as limitações de Redinha ou Osório de Oliveira e respetivas formulações – ainda que distintas entre si –, norteadas pela questão estética, com o propósito de elucidar o carácter racional, prescritivo e lógico – de um ponto de vista cokwe – quanto à utilização em determinados

objetos, circunstâncias, sujeitos e ações, de marcas gráficas específicas.» Fim de citação.

A referência a este excerto permite integrar o estudo e a abordagem que é o corolário do produto desta reflexão, estendendo o pensamento deste trabalho, ao modelo que estes povos utilizam na forma de contar histórias em desenhos. Será exactamente a simbologia da representatividade destes desenhos no qual procurarei retirar motivos capazes de compor elementos que possam ser utilizados em planeamento e arquitectura com a finalidade de assim introduzir os nossos padrões culturais na área técnica da elaboração de espaços e formas.



Máscaras *mwana pwo* e *chihongo* produzidas pelos escultores do Museu do Dundo entre o segundo semestre de 1959 e janeiro de 1960. Arquivo da Diamang. Acervo do MAUC⁵.

⁵Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua

5. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS EM DESENHOS NA CULTURA TCHOKWÉ

No vasto mosaico cultural representado pelos diversos povos de **Angola** a reflexão está dedicada, em particular, a arte de contar histórias em desenho dos povos **Tchokwé**, que como já vimos ao longo do texto habitam os territórios de **Angola**, **Congo Democrático** e **Zâmbia**.

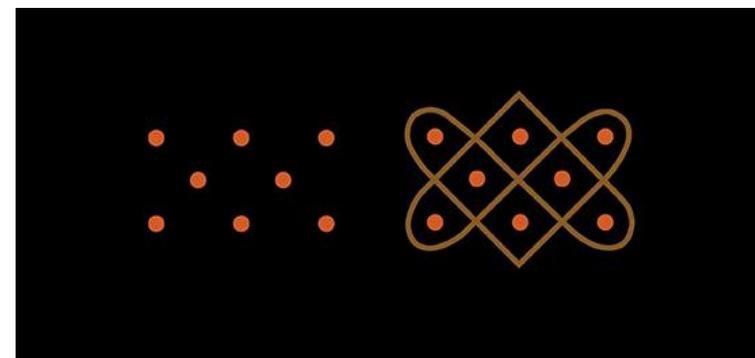
Os seus trabalhos decorativos estão refletidos nas mais variadas peças de arte e artesanato e em desenhos na areia conhecidos como **sona** (plural **lusona**).

Estes desenhos fazem parte da arte da tradição oral **Tchokwé**, servem acima de tudo, como memória de contar histórias.

Os homens são responsáveis por desenhar os **sona**, sendo que no ritual da iniciação os rapazes aprendem a contar histórias e a desenhar **sona**.

Os **akwa kuta sona** são os mestres que ensinam a arte de desenhar⁶.

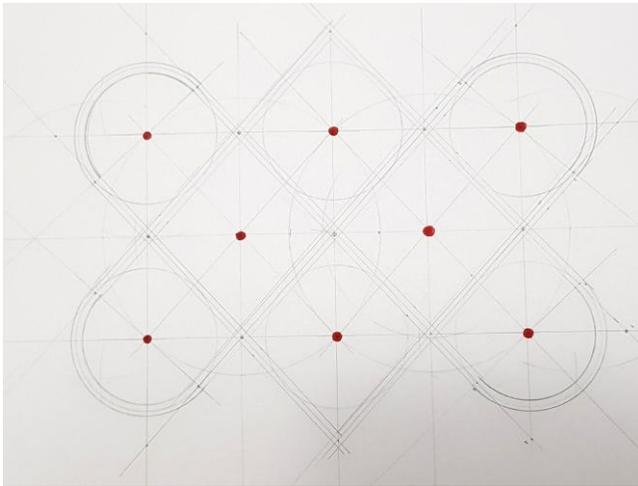
Os **sona** são normalmente gráficos delineáveis que podem ser desenhados sem levantar o dedo ou passar duas vezes por cima da mesma linha. Para fazer **lusona**, o artista começa por alisar a areia e usar a ponta dos dedos para criar uma grelha de pontos equidistantes, chamados **tobe**, que servem de suporte para o **lusona**. A imagem a seguir mostra uma grelha de **tobe** e o desenho final representando a **amizade**.



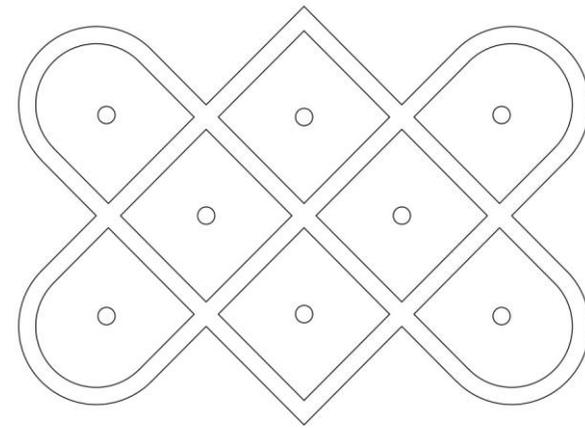
Fonte: www.obaricentrodamente.com/2015/11/a-arte-de-contar-histórias-em-desenhos.html

Utilizando a representação acima estudou-se o modelo geométrico circunscrito à sua elaboração, sendo de seguida empregue em elementos do planeamento e na arquitectura.

⁶ www.obaricentrodamente.com/2015/11/a-arte-de-contar-histórias-em-desenhos.html

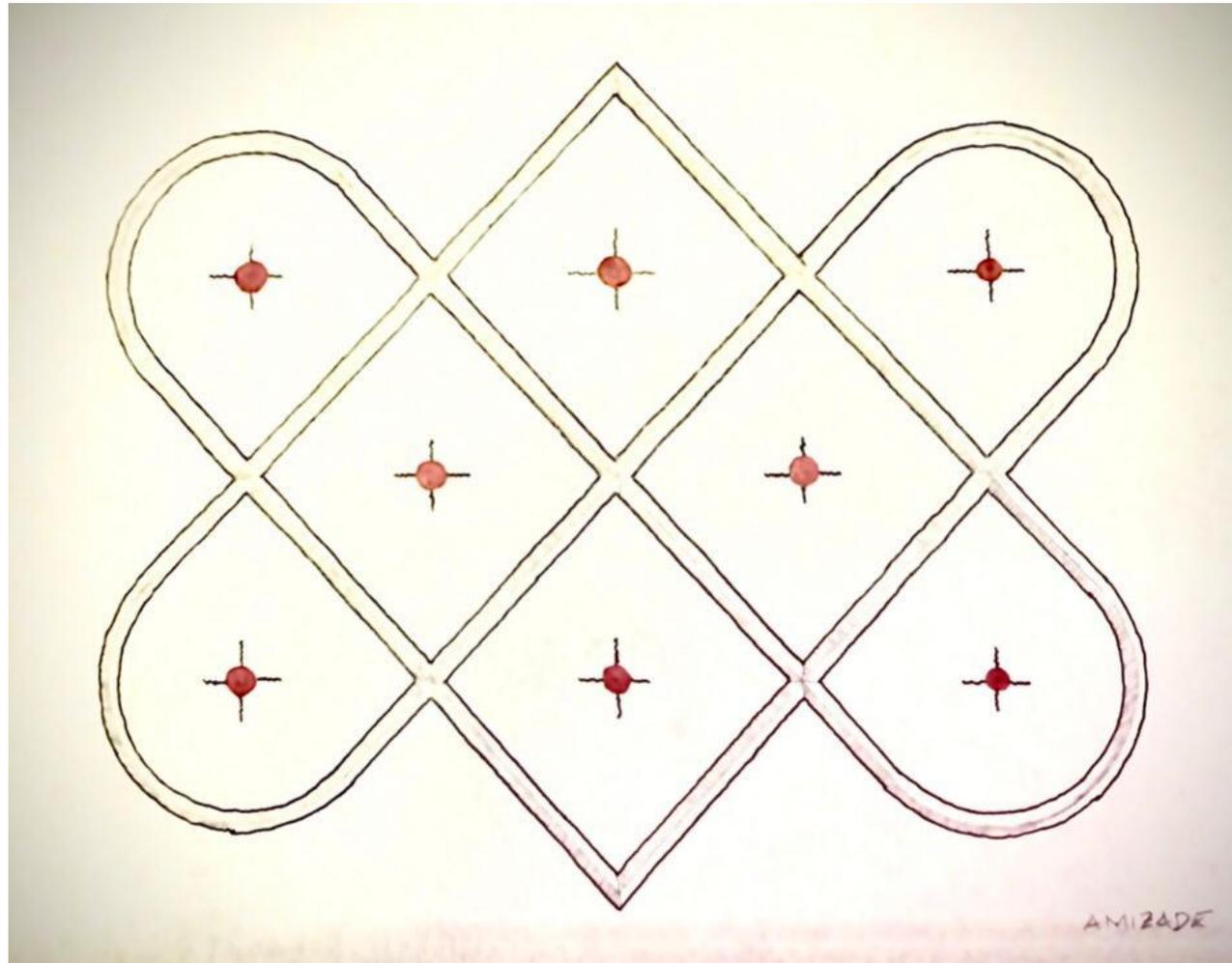


Buscando a exatidão geométrica.

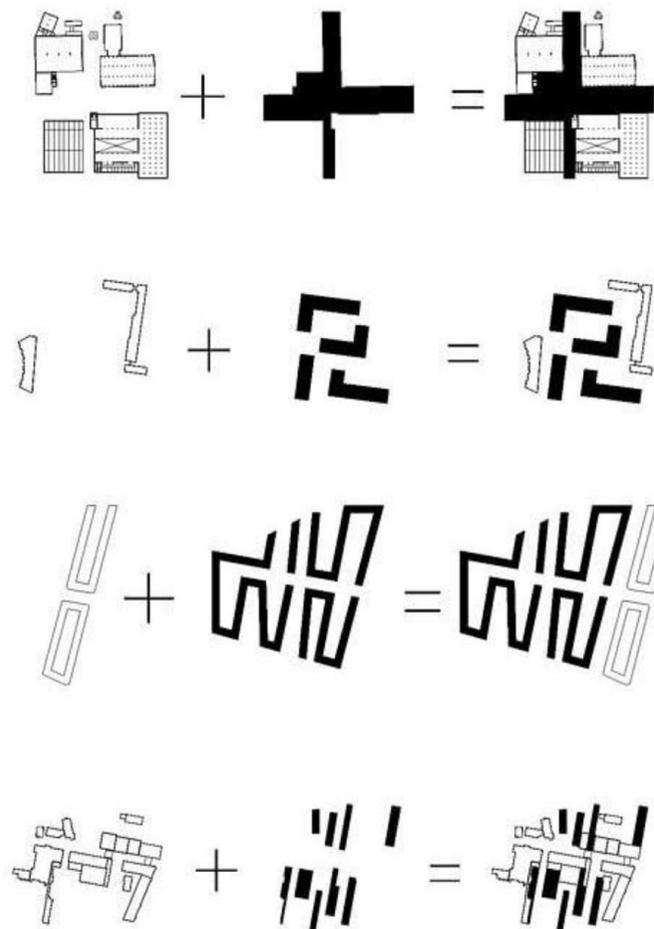


Buscando a exatidão geométrica.

A composição **sona** inspira à busca da exatidão geométrica do desenho para conseguir encontrar proporções que ajudem a elaborar e continuar a replicar o motivo emblemático deste imaginário dos povos **Tchokwé**, para permitir estudar a sua aplicação em elementos a empregar no planeamento e na arquitectura. Como se pode verificar, a grelha dos pontos, **tobe**, permitem interligar as linhas exteriores concluindo, assim, a composição representativa do significado da **amizade** dos povos desta região de **Angola**. O exemplo abordado, utilizado nesta reflexão, foi inserido no estudo da composição do **planeamento do território** e igualmente na **arquitectura**.



Esquisso do autor.



Imagens cedidas por Wilfredo Figueiredo.

6. ESTUDO DA APLICAÇÃO DESTA ARTE NO PLANEAMENTO

O planeamento enquanto conceito científico surge em variados formatos, não sendo o propósito deste trabalho percorrê-los a todos, concentrou-se no **Planeamento Urbano**. O Dicionário de Urbanismo⁷ define: *No sentido original, planeamento ou ordenação do aspecto físico-territorial de uma cidade ou zona urbanizada; como a cidade e o campo interagem estreitamente, o campo de atuação estendeu-se ao território municipal e hoje a preocupação deve ser com o planeamento integrado do Município dentro de sua região. Veja Plano Director* (citação).

A organização espacial dos assentamentos das várias culturas dos povos de **Angola** não acontece de modo espontâneo conforme alguns estudiosos referem, elas obedecem a regras próprias. No caso de estudo desta reflexão, não se pretende associar na integralidade os desenhos **sona** tal qual é produzido, na composição do planeamento, mas estudar regras que permitam associar os conceitos das mensagens

⁷Ferrari, Celso – Dicionário de Urbanismo, 1ª ed. – São Paulo: DISAL, 2004. Página 279.

transmitidas pela sua expressividade organizando àquelas que ainda se é capaz de resgatar na ancestralidade cultural angolana.

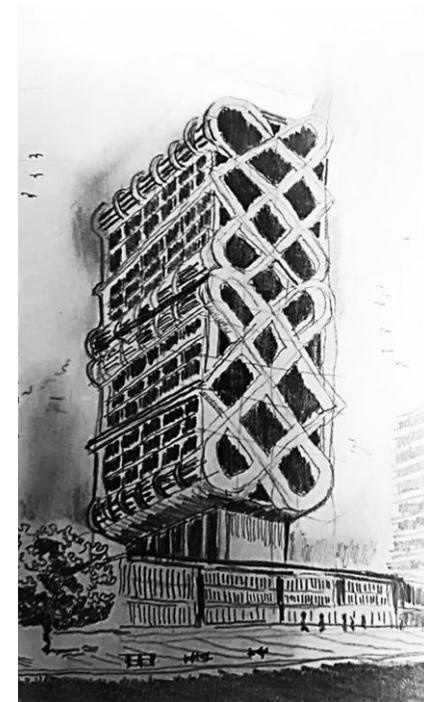
Será, pois, dever de nós estudiosos do planeamento urbano, capacitarmo-nos a realizar pesquisas profundas visando extrair as referências conceptuais e traduzi-las na composição do planeamento.

Atingido este objectivo, deve ser feito um amplo trabalho de divulgação e estudo da sua introdução nos aspectos do quotidiano mais recente do desenvolvimento territorial angolano.

7. A ARQUITECTURA HOMENAGEADA COM ASPECTOS DESTA ARTE

Neste capítulo podemos sempre iniciar com o conceito sobre o que é a arquitectura. O Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura⁸ define: *“Considerada a mais completa das formas de arte (Hegel, Heidegger, Valery) pelo modo como corresponde aos valores ontológicos e existenciais presentes na Humanidade. A arquitectura*

caracteriza-se por ser uma realidade material; por corresponder a necessidades espirituais, éticas, estéticas e ontológicas. Pelo seu valor plástico e espacial, a arquitectura é um conjunto de qualidades sensíveis. Pela sua organização física, é uma estrutura material, pelos seus conteúdos, uma estrutura conceptual. (Citação).

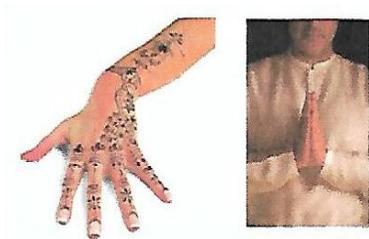


Aplicação *sona* na arquitectura. Esquisso do autor.

⁸ Autores vários, Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura, 2ª Edição (revista), Quimera, Outubro de 1996. Páginas 44 e 45.

A arquitectura encerra, igualmente, o simbolismo da manifestação cultural dos povos, através das suas formas de expressão, neste contexto, é primordial que continuemos a desenvolver nesta componente elementos tipicamente angolanos. No exemplo do esboço apresentado, a fachada, pretende representar o elemento que está em estudo nesta reflexão e que é a representação da **amizade** lida pela arte **sona**.

O exercício desta reflexão tem sido matéria de estudo usada por outros especialistas no mundo e a exemplo traz-se um trabalho elaborado por arquitectos da empresa ATKINS que apresenta o estudo para um hotel em Mumbai, Índia, no qual o propósito foi expressar a saudação tradicional indiana, «**namaste**», no qual as duas mãos se juntam num gesto sincero de boas vindas. A decoração da fachada foi inspirada em padrões aplicados em desenhos aplicados nas mãos de pessoas honoráveis em caso de momentos de celebração.



Elementos de inspiração



Hotel **Namaste** em Mumbai na Índia⁹.

⁹ Atkins, Achitecture and Urban design, 2010. Páginas 86 a 88.

8. OS ASPECTOS DECORATIVOS DA ARTE SONA



Sendo a decoração uma componente de expressão na arquitectura, desenvolve-se a seguir a habilidade **sona** na pintura das paredes das casas como parte da tradição deste povo. A pintura surge como a estampa de cenas da vivência diária, os estudiosos referem que as pinturas atingem o expoente máximo no tempo de cacimbo (tempo seco) e devido as suas cores vivas dão a vivacidade as aldeias. No entanto, este aspecto da

decoreção é bem visível em outras culturas que habitam o território de **Angola**.

As figuras representam aspectos da decoração das paredes do povo que pratica a arte **sona**¹⁰.

¹⁰ FONTINHA, Mário – Desenhos na areia dos Quiocos do Nordeste de Angola, Estudos, Ensaios e Documentos. Imagens retiradas da Página 143.



Aplicação *sona* na decoração de fachada. Desenho de Kelsio Pontes.

A importância de que se reveste a decoração na arte e na cultura dos povos de **Angola**, indicia que

possam ser estudadas propostas que manifestem as áreas do edificado com elementos **sona**.

O exemplo da figura da página anterior demonstra a possibilidade da inclusão de detalhes na fachada

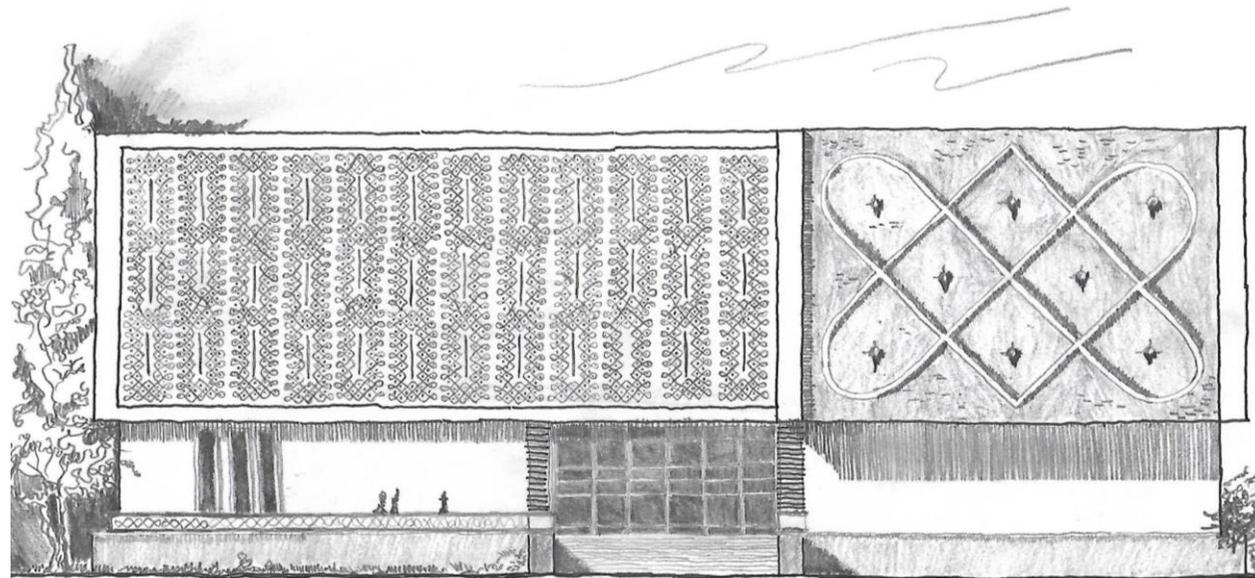
capazes de conter elementos manifestamente da cultura de **Angola**.



Aplicação *sona* na identificação dos números de polícia. Desenho de Kelsio Pontes.

A identificação da toponímia e números de polícia pode, igualmente, ser uma área para o emprego de

referências da arte e representatividade da cultura angolana, tal como a figura representa.



Aplicação *sona* na arquitectura. Esquisso do autor.

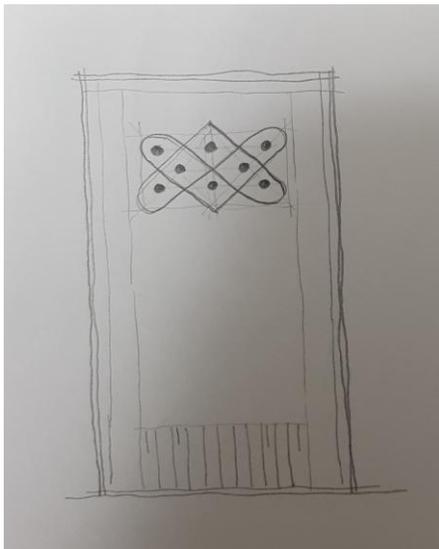
O desenho, acima, representa mais um exemplo da integração na arquitectura de elementos representativos da arte *sona*. A fachada simulada tem na sua representação um mural com o motivo «Amizade» e a parede dupla que serviria de sombreamento de fachada, na parte mais extensa,

revestida de elementos de protecção solar com um motivo representando a «cama de grande chefe».

O edifício poderá ser um local para albergar um centro cívico da arte *Tchokwé*.

9. OUTRAS HIPÓTESES DA APLICAÇÃO DO MOTIVO «AMIZADE»

Este estudo sustenta a aplicação dos desenhos *sona* em motivos representativos do planeamento e da arquitectura e deste modo assumir a possibilidade da sua introdução em Angola.



Esquisso do autor demonstrando a possibilidade da aplicação do motivo *amizade sona* na arquitectura – exemplo de uma porta usando este motivo.

O modelo de uma porta maciça exterior de acesso principal [Refª So1Am21](#).



O modelo de uma porta maciça exterior de acesso principal Refª *So2Am21*.



O modelo de uma porta maciça exterior de acesso principal Refª *So3Am21*.



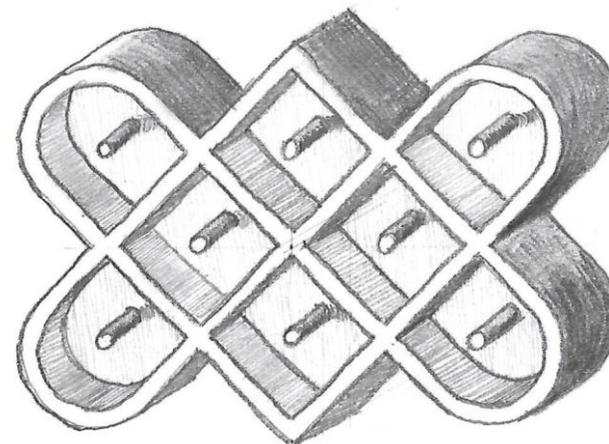
O modelo de uma porta maciça exterior de acesso principal Ref. *So4Am21*.



A aplicação em portas, ou outros elementos de pequena dimensão, usando este padrão pode ser mais

simples como instrumento de divulgação da estratégia do *uso de elementos de desenho dos povos de Angola*.

O design ao ser divulgado em carpintarias locais poderia promover a criação de um segmento de mercado para a produção destes elementos contribuindo assim para o crescimento da economia.



Aplicação *sona* como material de construção. Esquisso do autor.

O mesmo padrão pode surgir como produto cerâmico e permitirá uma ampla gama de aplicações na indústria da construção, estudado o melhor mecanismo do seu efectivo uso.

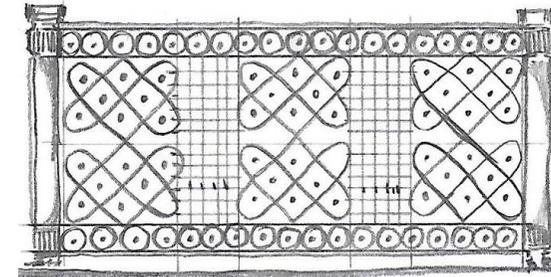
No caso anterior, se eventualmente se optar pelo uso de materiais de execução mais leves, a madeira, por exemplo, demonstra-se de seguida uma outra forma de aplicação possível, como divisória de espaços funcionais.



Imagens cedidas por Wilfredo Figueiredo.

Em síntese, conclui-se que existe uma área de pesquisa científica ampla por explorar, no que toca a

aplicação de elementos de desenho dos povos de Angola, que deve ser promovida e incentivada.



Aplicação *sona* em gradeamento metálico, barreira de vedação para usos diversos. Esquisso do autor.

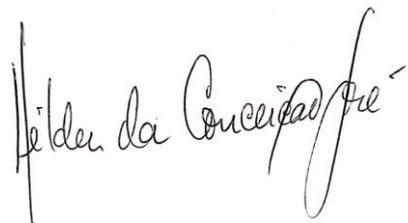
A gama de aplicabilidades é muito vasta tornando possível de facto inserir tanto no planeamento como na arquitectura as manifestações culturais dos nossos povos. A base desta reflexão pode ser o início de uma ampla discussão à volta desta problemática que só ajudará a tornar mais rica a Angolanidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Mapa de Angola, com a localização da região Lunda - Tchokwé. Fonte: www.pluraeditores.co.ao;
- BASTIN, Marie Louise (1982), La Sculpture Tshokwe. Mendon (França);
- O Mapa de Angola, Os grupos étnicos - Tchokwé. Fonte: www.pt.wikipedia.org;
- Contexto de arte Cokwe – Tempo do colono: a internacionalização do trabalho do Museu do Dundo – in www.journals.openedition.org/etnografica/3941;
- BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva - Arquivo da Diamang. Acervo do MAUC;
- www.obaricentrodamente.com/2015/11/a-arte-de-contar-histórias-em-desenhos.html;
- Ferrari, Celso – Dicionário de Urbanismo, 1ª ed. – São Paulo: DISAL, 2004. Página 279.
- AUTORES vários, Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura, 2ª Edição (revista), Quimera, Outubro de 1996. Páginas 44 e 45;
- ATKINS, Achitecture and Urban design, 2010. Páginas 86 a 88;
- FONTINHA, Mário – Desenhos na areia dos Quiocos do Nordeste de Angola, Estudos, Ensaios e Documentos. Imagens retiradas da Página 143;

Luanda, 16 de Fevereiro de 2021

O Autor

A handwritten signature in black ink, reading "Helder da Conceição José". The signature is written in a cursive style with a prominent flourish at the end of the last name.

Hélder da Conceição José - Ph.D.

Hélder da Conceição José

Endereço do escritório:

Deolinda Rodrigues, Luanda, FILDA, Condomínio Vila de Luanda, Edifício Kwanza Sul, 1º Andar Luanda Tel:

Contacto:

Tel.: (+ 2 4 4) 923 956 707